

E COMO FICAM NOSSOS DESEJOS? UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A PANDEMIA DO COVID-19.

PREUSS, Fernanda Carina; PEROTTI, Eduardo Diego; SHUCK, Anderson Luis.

Resumo

Este artigo procura estudar a aproximação teórica dos desejos em relação ao enfrentamento da pandemia do coronavírus, visto que a articulação deste conceito desencadeia formulações pares com a psicanálise. O objetivo deste trabalho partiu da organização dos conceitos reconhecidos em tempo de pandemia, bem como sua articulação com os pressupostos teóricos psicanalíticos realizados a partir de Freud e exposições pós-freudianas. Salientando abordar reflexões reais a partir da conjuntura atual, desse modo possível de afirmar que os efeitos deste cenário constituem sujeitos livres, subjetivos e portanto desejantes. Tal propõem mediante a análise textual explorar a organização da dinâmica das relações desejantes, instituídas nos aspectos narcísicos da ordem inconsciente, propondo o desenvolvimento de um olhar reflexivo frente as manifestações desenfreadas por conta do isolamento social.

Palavras chave: Coronavírus, desejo, sujeito, falta, inconsciente, controle.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o mundo está vivendo um período de crise e confusão, marcado pelo Coronavírus (Covid-19). Uma crise na saúde, na economia, mas, sobretudo, uma crise humanitária. Neste momento, o mundo apela para que todos fiquem em casa, visto que o isolamento social tem sido a principal arma contra a proliferação do Coronavírus. Entretanto, a obrigação do isolamento, as sensações e percepções quanto ao mesmo, não estão sendo nada cômodos para grande parte das pessoas. As consequências

psicológicas em função do Coronavírus são várias. Muitas pessoas que antes não eram ansiosas, agora estão sofrendo com ansiedade. Além disso, reações muito agressivas ou irritadas, ou um sentimento de confusão e desorientação estão sendo comuns. Da mesma forma, existem pessoas cujos efeitos da quarentena irão intensificar as dificuldades e fragilidades que já estavam presentes antes. Duas perguntas centrais emergem da psicanálise: De que forma o ser humano, enquanto um sujeito constituído socialmente, está lidando com o coronavírus e isolamento social? Talvez agora seja o momento de repensar a própria estrutura da linguagem (relação com a cultura), e a forma pretensiosa como os sujeitos se direcionam ao mundo e a eles mesmos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Contextualizando o Coronavírus (COVID-19)

De acordo com o Ministério da Saúde (2020) o Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias, foi descoberto em 31/12/19, após casos registrados na China. Os primeiros coronavírus humanos foram isolados pela primeira vez em 1937, sendo nomeados em 1965, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo uma coroa.

O Ministério da Saúde (2020) adverte que os sinais e sintomas clínicos são principalmente respiratórios, com febre acima de 37 graus, tosse e dificuldade para respirar. Alguns pacientes também podem sentir dores no corpo, congestionamento nasal e inflamação na garganta. Ou seja, todos sintomas muito similares ao da gripe. O contágio acontece pelo contato do vírus com as mucosas, pelo ar e contato das mãos infectadas com a boca, os olhos e o nariz. Ainda não existe uma vacina que seja eficaz contra o vírus, por isso, a única forma de controlar seu contágio é pelo isolamento social. Nesse sentido, vários países e Estados brasileiros decretaram medidas restritivas para o trânsito de pessoas, o fechamento do comércio, e manutenção somente de atividades necessárias (mercados, farmácias, postos de combustível, unidades de saúde, hospital, entre outros).

2.2 Relações desejanças em meio ao isolamento social

Imagine estar vivendo a vida de forma comum, realizando atividades comuns do dia a dia, como trabalhar, ir a faculdade, a academia, almoçar em algum restaurante, se divertir com os amigos em uma festa no fim de semana, e num curto espaço de tempo, drasticamente, todas essas atividades são proibidas de serem realizadas, ou devem ser realizadas de forma restritiva. Tudo isso, pois há um vírus incontável e de fácil proliferação “à solta” por todo o mundo. Essa é a realidade de um grandioso número de pessoas nos dias atuais. As interdições causadas pelo isolamento social se estendem em sentimentos subjetivos, mobilizando os afetos. Mas em meio a isso, existe um fator ligado ao isolamento social, que é comum, em maior ou menor grau, à todas as pessoas: as interdições dos desejos e as demandas desejanças.

Primeiramente, de acordo com Sanches (2010) desejo para a psicanálise, significa uma falta, internalizado pela relação com outro, mediado pela linguagem. O sujeito é um ser faltante, e isso o leva a buscar satisfações para essas faltas, ou seja, todos os desejos advêm de uma falta. Por isso, a falta na psicanálise é considerada um elemento essencial, pois é ela que leva ao desejo e a busca por realizações. O desejo é a força vital do sujeito, que impulsiona o ser humano a fazer as coisas que faz, a criação, ao novo. Importante salientar que demanda é algo diferente de desejo. Parafraseando Rodrigues (2008) a demanda é algo que da mesma forma que o desejo, surge a partir da constituição social do sujeito, mas a demanda não representa o que o sujeito realmente quer. Muitas “vontades” humanas são demandas sociais, ou indo mais além, demandas capitais. Em qualquer escolha feita pelo sujeito, é revelado algum desejo ou demanda (SANCHES, 2010).

Depois dos estudos do médico neurologista e psiquiatra criador da psicanálise, Sigmund Freud sobre o desejo (1856 – 1939), o psicanalista Jacques Lacan (1901 – 1981) revisou e reformulou alguns conceitos de Freud, inclusive sobre desejo. De acordo com Coutinho (2017) a partir de seus estudos, Lacan conceituou o desejo como sendo, na maioria das vezes, do

Outro (cultura, sistemas simbólicos...). Para se constituir inicialmente o sujeito se vale de um desejo que não é próprio, mas internalizado na relação com outro, apenas deseja o desejo do outro, ou seja, é alienado no desejo do outro. Tudo que pulsa do sujeito é uma demanda de outra pessoa e/ou cultura, pois ele é constituído a partir do Outro. Tal situação, é causadora de angústia. Pois "...é nesse momento que o sujeito se transforma em algo, deixando de ser um sujeito e se transformando em um objeto" (COUTINHO, 2017).

Uma grande questão quando se fala em alienação do desejo do outro, é o mundo capitalista. Hoje em dia, ele procria um produto próprio: o consumidor, perpetuamente insatisfeito, intranquilo, ansioso e entediado. De acordo com Lasch (1983) a publicidade serve não tanto para anunciar produtos, mas para promover o consumo como um modo de vida. Ela "educa" as massas para ter um apetite inesgotável não só por bens, mas por novas experiências e satisfação pessoal. Ela defende o consumo como a resposta aos antigos dissabores da solidão, da doença, da fadiga, da insatisfação sexual, ao mesmo tempo, cria novas formas de descontentamentos peculiares à era moderna. Ela joga sedutoramente com o mal-estar da civilização industrial. Por meio do consumo, adere-se à promessa de prazer imediato e por meio da aderência ao consumismo o ser humano se condena a uma insatisfação maior.

Em meio a pandemia, com o isolamento social, foram barradas e interditadas as atividades que se caracterizam como desejos, sendo eles próprios do sujeito ou do outro, ou de demandas sociais. Com a proibição e instauração do isolamento social, foram intensificados os contextos de castração e repressão dos desejos. De acordo com Sanches (2010), em psicanálise, o conceito de "castração" não corresponde à aceção habitual de mutilação dos órgãos sexuais masculinos, mas designa uma experiência psíquica completa, que está relacionada a aceitação da quebra de um certo sentimento de onipotência que o eu insiste em sustentar, na relação imaginária com o outro. O isolamento social, castrou a ideia de que o sujeito está no controle de tudo. Já a repressão, também segundo Sanches (2010),

é um mecanismo de defesa, que age a partir da censura imposta pelas normas da sociedade. “Não pode sair de casa”, “não pode visitar seu amigo”, são consequências da repressão.

É no terror da angústia criada pela castração e repressão, que habitam a gênese das manifestações neuróticas. Medos, fobias e sintomas diversos, que surgem no plano consciente, são efeitos de conflitos nas tentativas de defesa contra a emergência desta angústia que parece insuportável. Porém, como já citado anteriormente, do ponto de vista da psicanálise, para que se possa desejar é necessário que haja falta. De acordo com Forbes (2010) o mundo capitalista e globalizado não permite lugares para a falta, a iminência do desejo está prejudicada, restringindo as possibilidades de circulação do desejo. Por isso, a partir do isolamento social, há abertura para se repensar os desejos alienados, a relação com os padrões de consumo, e as condições de possibilidade de outros contextos para constituição de desejos. É possível que haja a reflexão, se os desejos que estão sendo seguidos e realizados são desejos próprios, ou se são alienações a desejos do outro. Ou ainda, se são demandas sociais. É necessário que o sujeito se questione, o por que realiza as atividades que realiza, e qual é o significado da sua vida sem elas. Lacan diria que esse é o momento propício para que as pessoas batam um papo com seus fantasmas, olhem para seus saberes inconscientes, para as suas profundezas, e aprendam primeiro a se conhecer.

2.3 O que Jacques Lacan diria sobre o coronavírus?

Jacques-Marie Émile Lacan foi um psicanalista francês, e foi um dos grandes interpretes de Freud e deu nascimento a uma corrente psicanalítica: o lacanismo. Em sua teoria, de acordo com Coutinho (2017) Lacan afirma que o inconsciente se estrutura como linguagem. De acordo com Aires (2017) inconsciente pode ser definido então como o conjunto de processos psíquicos misteriosos. Nele, estariam explicados os atos falhos, esquecimentos, sonhos, paixões e traumas. Desejos ou memórias reprimidas, traumas e emoções banidas do consciente por serem dolorosas, ou de difícil

controle. Quando Lacan diz que o inconsciente se estrutura como linguagem, se refere a esta como sendo a fala, língua, aquisição das palavras, a cultura. Ou seja, o inconsciente está no falado. Os desejos, imagens e outros elementos do inconsciente normalmente encontram uma expressão verbal, sendo por sonhos, atos falhos, chistes, entre outros (COUTINHO, 2017).

A partir da ideia do que é o inconsciente e de que ele se estrutura como linguagem, Coutinho (2017) apud Lacan (1976) afirma que não se passa do inconsciente ao consciente, mas da linguagem à palavra. Nesse processo, se encontra o nó da linguagem composto por simbólico, imaginário e real. O simbólico, conforme Clavurier (2013) é a instância composta por representações, baseado em significantes, e quando internaliza-se o simbólico, o sujeito é posto como autor. É por meio desse sistema simbólico que o sujeito se refere a si mesmo ao usar a linguagem. Ou seja, o simbólico, ou a ordem simbólica, é uma estrutura universal que abrange todo o campo da ação e da existência humana. Ele envolve a função de fala e linguagem, e mais precisamente a do significante, logo, a aquisição simbólica dos registros permeiam o Real de forma a possuir possibilidades, portanto, inicialmente com base na constituição de significantes ele é composto pela alienação ao outro. Lacan, define o Outro precisamente como “tesouro dos significantes” (CLAVURIER, 2013).

Quando se pensa em simbólico em meio ao Covid-19, tem-se as informações disponíveis sobre o vírus, o que é acessível à consciência. A partir disso, é possível que o sujeito faça uma organização do seu simbólico. Pesquisando sobre o vírus, suas formas de propagação, seus sintomas e tratamento. Além disso, é possível refletir sobre os significantes que estão sendo dados a essa situação, na forma como cada sujeito adota medidas de cuidado e de relações no processo de isolamento. Cabe observar ainda, como a questão do contexto atual do Covid-19 se articula com outros significantes da vida da pessoa, relacionados a emprego, família, cuidado com a saúde, modos de lidar com restrições sociais.

Apesar disso, os sujeitos continuam assim indefesos, atravessados por seus imaginário. Conforme Clavurier (2013), o imaginário corresponde a maneira que os fenômenos são identificados e conceituados permitindo assim que tais sejam objetivos e compreensivos. Dessa forma, as imagens, percepções de si, do mundo e dos conflitos são considerados com base naquilo que já foi registrado, portanto, naquilo que já foi oferecido anteriormente aos sujeitos. É com base nisso que os mesmo estão alienados pela via dos desejos alheios, deste modo, alienados do Outro.

No que tange o imaginário, parafraseando Clavurier (2013), este registro psíquico correspondente ao ego (eu) do indivíduo. O indivíduo busca no Outro (pessoas, amor, imagem, objeto) uma sensação de completude, de unidade, o que faz com que um objeto se torne desejável, ou seja, ele se confunde com esta imagem mais ou menos estruturada que, de diversas maneiras, o sujeito carrega com ele. No entanto, o Outro não existe para desenvolver a imagem com que o ego (eu) quer ser sustentado. No imaginário, o sujeito não se separa do objeto de desejo, sendo muitas vezes, esmagado por ele. Em meio ao Covid-19, o imaginário se coloca, ao contrário do real, como a desinformação. Afetos que são mobilizados e sentidos pela possibilidade de adquirir o vírus, ou de que o vírus é uma mentira. Percepções que surgem a partir de uma própria idealização e internalização. Nesse momento, é necessário que o sujeito não seja esmagado pelo seu imaginário, e não se deixe ser massacrado pelo sentido, pela agressividade, egoísmo, destruição de si e do outro, antecipação da angústia decorrente da relação social.

Já o real é o registro psíquico que não deve ser confundido com a noção corrente de realidade. O real é o impossível, aquilo que não pode ser simbolizado e que permanece impenetrável no sujeito, não pode ser recoberto totalmente nem pela palavra nem pela imagem. O Real volta ao mesmo lugar, em que o sujeito não o encontra, ou tropeça nele, porque esse lugar existe e sustenta o simbólico da existência pela qual o sujeito o expulsou de sua representação e construiu sua realidade (CLAVURIER, 2013). O Real é aquilo que falta na apreensão do pensamento, Sem muitos meios

de distração, sozinhos, e distanciados da relação com o outro os sujeitos estão sendo constantemente confrontados pelo seu Real, uma confrontação e elaboração com os fantasmas (ideia que se faz do outro, do desejo do outro, e daquilo que devo ser para o outro).

Ao articular Real-Simbólico-Imaginário temos a oportunidade de que os sujeitos se questionem sobre os seus significantes, quais são os desejos e traumas que estão por trás deles. É hora de encarar o silêncio deixado pelo peso das circunstâncias, sem aquele desejo histérico pela busca por uma verdade vinda de um outro supostamente confiável e externo (CLAVURIER, 2013). Talvez esse silêncio, esse vácuo deixado pelo vírus, acabe sendo mais significativo do que as milhares de tentativas de preenchimento da falta.

A tarefa de atravessar a ponte entre si e o mundo, é dever e desejo do próprio sujeito, e para isso, não existe fórmula ou harmonia plena, o conflito da travessia está no reino da experiência, da bravura, e da ética. A noção de ética segundo Lacan (1991) se associa a capacidade de sustentar e responsabilizar-se pelos seus desejos, enquanto a de harmonia não passa de “uma sociedade [...] mantida pela tensão entre o coletivo e o uno, entre o uno que quer se fazer representar pelo coletivo e o coletivo que põem regras pra a representação de um uno em seu meio” (FORBES, 2010, p. 54). Dessa forma, a ideia trava, violentando o subjetivo dos sujeitos, produzindo mais uma vez, formas de alienação no próprio desejo.

Não se quer aqui afirmar que todos os sujeitos repudiam decisões, elas no jogo da vida e no arquétipo dos desejos, são afirmações, portanto, validar implica em apostar. Fazer-se reconhecer no risco, na insegurança e na possibilidade de sustentar a responsabilidade de pelo menos tentar fazer-se existente. Aqui, fala-se de decisões humanas, consequentemente reativas, pois somente o agir rompe com paradigmas, é não mais agir passivamente conforme as pulsões, neste sentido, “a pulsão é entendida como uma espécie de paralelo intrapsíquico aos estímulos externos, e que, diferentemente destes últimos, não age momentaneamente, mas pressiona o organismo com uma força constante em busca de descarga” (SANCHES, 2010, p. 05). É ativamente constituir-se sujeito desejante, confrontando as

experiências e principalmente o simbólico, mobilizando-se de forma a vir adquirir novos significantes.

2.4 Desejo de controle e a medicalização

Nesse contexto de maçante enfrentamento e também afastamento, conforme dados do Ministério da Saúde (2020) muitos estão sendo impactados em sua saúde mental, a exemplo da intensificação dos atos compulsivos, o desejo de controlar, e encontrar o domínio da situação, de comandar a si, seus sentimentos e o outro, manifestações de medo, estresse, ansiedade e pânico generalizado.

A época atual e a modernização da medicalização, nos coloca de frente com o grande impasse atual da existência humana, as manifestações não são mais unicamente determinadas pelo corpo biológico, agora, o corpo psíquico, se apresenta de maneira a denunciar protestos da ordem inconsciente, revertidas na pele em sintomas psicossomáticos. De modo que segundo Ávila, (2002, p. 37) os sintomas psicossomáticos se apresentam como um processo de subjetivação que acessa a sua realização na via corporal. Portanto, o processo somático ocupa o espaço da ordem psíquica, ao invés de se representar, ele se apresenta na extensão corporal.

Dessa forma, é natural a possibilidade de doenças psicossomática relacionado aos processos pessoais de cada um aparecerem. Ainda assim, na era Covid-19, deseja-se profundamente um remédio para cura ou prevenção da doença, entretanto, cabe entender com base em Forbes (2010, p. 58) que para o viver não existe remédio, assim, torna-se de emergência a desconstrução de que todo o problema caracteriza-se como doença, pois o processo de doença foi internalizado com cura, portanto, para toda doença (teoricamente) teria assim um remédio, de forma a silenciar. Roudinesco (2000, p. 10), apresenta os remédios do espírito como um sintoma da era moderna, quando essa, tenciona o homem a abolir juntamente com o desejo de liberdade, a própria tensão de enfrentar a prova deles.

Dessa forma, age-se assim de maneira irresponsável em relação aos próprios sentimentos, visto que a causa de todos os afetos devem ser

sentidos, e jamais "curados", assim, descrever que deva existir uma explicação para todos os afetos, e que esses deveriam ser absolvidos pelos fármacos. Ou seja, é quando se crê numa felicidade absoluta que se tropeça numa propaganda, onde o viver as vezes se parece complicado e para descomplicar, cabe então as pílulas. Entretanto, situamos o viver, não como uma promessa de felicidade, mas de responsabilidade em relação a elaborar, articular, resolver e reconhecer o próprio mal-estar. Pois conforme Roudinesco (2000, p. 04), o silêncio e a calma provocados pelas pílulas podem ser as vezes, mais terrível do que a própria travessia das tempestades.

Outro ponto importante a salientar quando se fala em angústia causada pela COVID-19, é que as pessoas possuem uma necessidade de obter controle, poder e domínio sobre o que as cercam. É assim, nesta falsa ideia de controle que os sujeitos inauguram o estar angustiado, pois, a ideia de controlar, na verdade não é um espaço de conquista, é portanto uma alienação de demasiada privação, resultando na contínua perda de experiência e de significação. Por isso, a situação que se apresenta no momento atual, faz com que o ser humano perca as estribeiras do poder sobre os objetos, o que gera angústia. O ser humano se depara com uma doença nova, da qual não se tem muitas informações, e não se tem ideia de quando irá acabar.

Para Foucault (1979), o poder não é um objeto natural, é uma prática social. O autor afirmava que o discurso tido como verdadeiro é portador de poder. Mas, por outro lado, ele concebeu o poder como luta. O poder não possui, assim, uma identidade própria, unitária e transcendente, mas está distribuído em toda a estrutura social e é sempre produzido, socialmente. Ao se considerar as relações de poder necessitamos pensar os efeitos dos discursos sobre o Covid-19 e o isolamento social, como ele vem estruturando as organizações sociais, os processos de trabalho, a formulação de legislações e as medidas de restrições (ou não) de contato social. Mais que isso, como são produzidos modos de subjetivação, no qual somos sujeitos a determinadas regulações sociais e que impactam nas relações que

mantemos com a gente mesmo (de sujeição, oposição, inibição, liberação, conflitos...).

Dessa forma, também, a epidemia do coronavírus consequentemente, tornou-se um momento para se refletir sobre essa era narcísica, pois se é por meio do outro que o sujeito sabe quem é, neste momento de distanciamento social e constante presença com si que pode-se reconhecer quem quer-se mesmo ser. Cultivar a solidariedade, o altruísmo e também a humildade com todas as pessoas, não apenas com as que convém. De modo a insistir nas condições de novos desejos, de outros modos de investir e sustentar, reconhecer formas de se relacionar com eles e com o outro. A aproximação social com isolamento físico pode ensinar e comprovar que as pessoas dependem umas das outras, que a noção individual é uma ilusão. Trazendo os estudos de Jacques Lacan (1991) ao invés de apenas desejar o desejo do outro, talvez o sujeito possa afirmar outros desejos que o habitam, se conduzindo de modo diferenciado na relação com as outras pessoas, com maior espaço para o autocuidado e a solidariedade. E a humanidade, a partir da angústia, talvez tenha finalmente descoberto que há um mundo além de si, povoado por outras pessoas, numa relação de interdependência, de promoção de vida e de morte.

3 CONCLUSÃO

Ao entrar nesse assunto, debruçamo-nos em muitos aspectos psicológicos que mobilizam os sujeitos, implicando inteiramente na saúde mental. Dessa forma, as manifestações decorrentes do isolamento social resultante da pandemia do coronavírus, tem oferecido a sociedade em geral um espaço próprio de falta. Portanto, possível para um olhar profundo aos sinais e sintomas desencadeados e agravados neste tempo, assim, encarar os significantes de forma a confrontá-los, permite uma conduta mais autônoma e menos controladora (alienada ou assujeitada nos desejos).

A invasão de sentimentos relacionados às incerteza, a solidão e o o imenso acesso de informações (na sua maioria desagradáveis) tem gerado

questionamentos na relação dos sujeitos consigo mesmo e com os outros. As possibilidades apresentadas para enfrentar o momento são restritas, bem como suas ações para manter o combate e controle do contágio, impactando de maneira incisiva a saúde mental dos sujeitos, cada vez mais angustiados, depressivos, apavorados... Contudo, apesar da restrição no convívio social e do redimensionamento de nossos padrões de consumo (demandas do desejo), essa situação também é perpassada pela abertura da conexão com os vários outros (diferenças), da possibilidade de maior autoconhecimento e circulação de desejos. Da aventura de por fim, poder reinventar-se.

REFERÊNCIAS

AIRES, SOELI. Atos falhos: interpretação e significação. São Paulo, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000100003. Acesso em: 13 abr. 2020.

Ávila, L. A. Doenças do corpo e doenças da alma: investigação psicossomática psicanalítica. São Paulo: Escuta. 2002.

CLAVURIER, Vincent. Real, symbolic, imaginary: the reference to the node. Tradução por: Eliza Menendez. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100015>. Acesso em: 13 abr.2020

FORBES, Jorge. Você quer o que deseja? 8º ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 180.

COUTINHO Jorge, Marco Antonio J Coutinho. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.3: a prática analítica. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

LACAN, J. Le seminaire, livre XXIII: Le sinthome (1975-1976). Paris: Seuil, 20033. Em português: LACAN, J. O seminário, livro XXIII: O sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, J. (1959-1960). Livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LASCH, Christopher. A cultura do narcisismo. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. *Psic. : Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 241-249, agosto de 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 de abril de 2020. (ORDEM)

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Coronavírus. Brasil, 2020. Disponível em:

<<https://coronavirus.saude.gov.br/>>. Acesso em 10 abr. 2020.

Organização Mundial da Saúde. Saúde mental e considerações psicossociais durante o surto de COVID-19. Rio de Janeiro: OMS; 2020. Disponível em:

<<https://www.who.int/publications-detail/mental-health-and-psychosocial-considerations-during-the-covid-19-outbreak>> Acesso em: 14/04/2020.

RODRIGUES, Soraia. Demanda e desejo em psicanálise. Bahia, 2008.

Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0158.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth. Por que a Psicanálise? Zahar, 2000.

SAFATLE, Vladimir. Introdução a Jacques Lacan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (EXCLUIR)

SANCHES, Pedro. A alteridade na conceituação freudiana de desejo e pulsão. São Paulo, 2010. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000400009>. Acesso em: 10 abr. 2020.

Sobre o(s) autor(es)

1 Acadêmico da graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus de São Miguel do Oeste; Fone: (49) 988321487; E-mail: edu_perotti@hotmail.com

2 Acadêmica da graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus de São Miguel do Oeste; Fone: (49) 985016119; E-mail: fernandapreuss45@hotmail.com

3 Psicólogo e Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus São Miguel do Oeste; Fone: (49) 988036437 Email: anderson.shuck@unoesc.edu.br